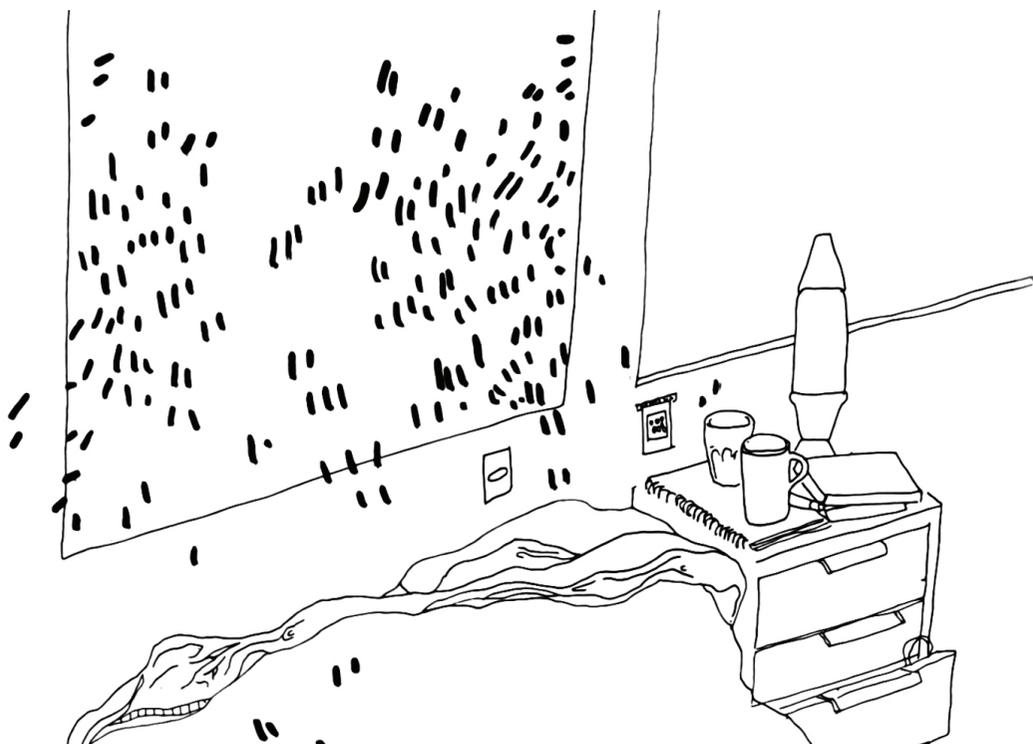


me sou pelo que me envolve e pelo que não me é.

corpo consistente, espaço flúido. questão de ponto de vista, água e terra. eterno movimento, equilíbrio no desequilíbrio, ocupar, se ocupar o corpo molda os espaços que vêm encontrando: cama afundada, sombra limite, pêlos reveladores do tempo presente, a familiaridade gastada.



A vida já não se molda nos grandes atritos. Aliás a vida, viver, já não se molda. Fortuitamente, ou não, moldamos tudo, menos o que foi, e o que será. Um limbo. Triste? Claro. Vazio? Nunca. Não importam as circunstâncias não desisto das sensações. Dos atritos. Da energia. Mesmo vinda de um só corpo, como amplifico essas fricções? Fragmento-me. O corredor de casa vira é túnel de minhoca e nos diferentes cômodos da casa nascem meus universos paralelos. Meus heterônimos. Os dias se tornam as aventuras de cada parte minha, um ser-varias em ser-em-si.

eu vou comer um pão feito de caneta e ver minha sombra na casa do vizinho.

tem muitas pessoas na minha gaveta.

chorei a (à) gola da blusa e nem senti.

meu pescoço doi de saudades porque ontem não fui à feira.

eu voltei a escrever sobre a mesa e os degraus de batatas.

